



GT 71. Questões ético-metodológicas em pesquisas com crianças

Coordenador(es):

Emilene Leite de Sousa (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Flávia Ferreira Pires (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Sessão 2

Debatedor/a: Maria do Socorro Rayol Amoras (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Este GT visa reunir trabalhos que contribuam na reflexão sobre questões ético-metodológicas na pesquisa com crianças com o intuito de mapear e problematizar os desafios epistemológicos que enfrentamos. Selecionaremos propostas sobre o método etnográfico e os usos das técnicas tradicionais da antropologia como entrevistas, conversas informais e observação em pesquisas de campo com crianças, mas também o uso de técnicas como os desenhos, redações, gravadores, máquinas fotográficas e câmeras; métodos combinados, as crianças como co-investigadoras. Do ponto de vista ético, quais procedimentos éticos temos tomado e como lidamos com a singularidade de pesquisar sujeitos tutelados que não respondem legalmente pelos seus atos, mas que nem por isso deixam de ser entendidos enquanto sujeitos de direitos e pessoas/indivíduos plenos? Assim, através do debate sobre metodologia e ética, central para o conhecimento antropológico, objetivamos avançar o debate no campo da Antropologia, entendendo melhor a importância de pesquisas cuja ênfase esteja nos sentidos e na experiência desses sujeitos, - que ainda são pouco ouvidos pela antropologia mainstream. A importância deste GT é reforçada no atual cenário político, em um contexto de cortes de verbas e recursos para pesquisa. Os impactos serão inevitáveis, o que fortalece a importância de pensarmos nossas metodologias de pesquisa em tempos de crise. Aqui a pesquisa aparece como um ato de resistência e sua divulgação imperativa.

Retratos de pesquisa: bebês e livros em uma creche filantrópico-comunitária do Rio de Janeiro

Autoria: Nazareth Salutto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

a proposta apresenta resultado de pesquisa de doutorado que investigou especificidades da interação dos bebês com livros de literatura infantil, observando de que modo a interface com esse objeto constitui uma gestualidade própria do bebê no seu processo de imersão na cultura. O lócus da pesquisa foi uma creche filantrópico-conveniada, situada em uma grande favela da cidade do Rio de Janeiro. Num primeiro momento, antes de se debruçar nos bebês com os livros, a pesquisa se dedicou a olhar para os bebês. Para tanto, constrói quatro categorias para observação interessada de seus movimentos exploratórios, intensos, investigativos: relação, sutileza, reciprocidade e vínculo. Em seguida, reunindo perspectivas e apontamentos sobre ser bebê, a pesquisa se volta para o livro de literatura como potente ? por vezes sacralizado ? artefato da cultura. Reunindo dimensões humanas e materiais, indaga: O que se pode aprender, inferir, ao mapear itinerários que observam corpo, ações e gestos dos bebês? Quais são as faces possíveis do encontro entre/com bebês e livros? A pesquisa fundamentou-se nos Estudos da Educação e da Infância, Antropologia, Antropologia Filosófica, Psicanálise e Literatura, articulando áreas de conhecimento que tornassem possível discutir aspectos dos processos de subjetividade da constituição dos modos de ser bebê a aspectos da cultura ? neste caso, a materialidade própria do livro, entre outros aspectos ? do qual os bebês, desde que nascem, passam a fazer parte num intenso processo de imersão, aprendizado, conhecimento. Considerando a complexidade que envolve pesquisa em Ciências Humanas, a ética fundamental que deve ser estabelecida entre todos aqueles que participam das investigações, as estratégias metodológicas envolveram: observação



participante, registro escrito e fotográfico, cenários literários. Os resultados da pesquisa revelam que bebês são pessoas de relação, que se engajam com tenacidade em suas descobertas. No encontro com os livros, a partir de intensa dinâmica que envolve corpo, gestos, ritmo, voz, subvertendo orientações pré-estabelecidas como sentar em roda para escutar história, têm interesses e projetos próprios que, em cumplicidade operante com os adultos e outras crianças de mais idade, descobrem formas de pertencer e participar.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: